

## **Cidade Laboratório: Uma experiência de Educação Patrimonial**

**Marluce Barbosa de França\***

**Maria José da Silva Costa\***

**Wallas Jefferson de Lima\***

### **1) Educação Patrimonial: Conhecer para preservar**

Esta comunicação é fruto do projeto de extensão da Universidade Potiguar denominado “Educação Patrimonial” realizado pelo curso de História da mesma instituição na cidade de Natal. O trabalho começou a ser desenvolvido no ano de 2004 e desde então vêm obtendo bons resultados com suas ações. É de fundamental importância que os meios acadêmicos abram um espaço para o debate a respeito da Educação Patrimonial, uma vez que esta temática é muitas vezes esquecida pelos próprios profissionais da área de História. É só através dos debates, dos questionamentos, das discussões e das críticas que o nosso trabalho vai sendo, aos poucos, aperfeiçoado.

A importância do professor de História trabalhar o patrimônio cultural local em sua aula é de um valor inestimável, porque é só através deste trabalho que os educandos avigoram sua ligação com as heranças culturais. Com o patrimônio cultural sendo discutido em sala de aula, os alunos compreendem o valor dos bens históricos materiais e imateriais, e a partir do momento em que dão o devido apreço a isso passam a valorizar a preservação dessa herança, fortalecendo sua identidade. Além disso, uma vez que a disciplina "Cultura do RN" tornou-se obrigatória em todas as escolas do Estado do Rio Grande do Norte, o patrimônio deve ser visto com outros olhos pelas autoridades públicas e principalmente pelos profissionais da área de História. Portanto, este trabalho justifica-se pelo fato de observar-mos a atual realidade escolar brasileira e a seriedade do tema.

O objetivo de nosso projeto é sensibilizar a comunidade escolar para o valor do conhecimento Patrimônio cultural local. E quando nos referimos a comunidade escolar, não incluímos nesse grupo apenas os alunos. Os professores, a gestão da escola e até os pais são também personagens dessa história, e acabam por aprender junto conosco. Se conseguirmos fazer com que eles também se interessem por esse tema já teremos feito grandes avanços e um diferencial significativo na nossa educação.

---

\* Graduada em Pedagogia pela – UFRN. Especialista em Psicopedagogia clínica e Institucional pela UFRN. Especialista em Educação Especial – UNIFOR. Professora da Universidade Potiguar. Professora da Rede municipal de ensino da cidade de Natal.

\* Professora da Rede Municipal de ensino da cidade de Natal

\* Graduando pela Universidade Potiguar – UNP.

Infelizmente, as ações educativas voltadas para a área do Patrimônio, são muitas vezes apresentadas por grupos que se interessam pelas nossas heranças e que não se aprazem em ver nossa História ser pouco a pouco esquecida da nossa memória. Não deveria ser assim. O Estado têm a obrigação de cuidar de nossos bens patrimoniais, criando políticas públicas que favoreçam o acesso do Patrimônio a toda população, carente de cultura e de educação, além de ações efetivas nesse campo. Como os governantes não conseguem (ou não querem) ocupar o vazio deixado pela falta de interesse no assunto, os profissionais da área da Educação ajudam como podem para mudar essa severa realidade.

## **2) As escolas e a metodologia usada**

O projeto contou com o apoio de várias escolas da cidade de Natal. A primeira escolhida foi a Escola Municipal 4º Centenário, escola que funciona nas dependências de um prédio tombado. A Escola Estadual Augusto Severo também entrou no projeto, uma vez que completou cem anos de existência no presente ano. Ambas as escolas, portanto, são vistas como um Patrimônio Histórico.

Optou-se por trabalhar nestas escolas com alunos dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental. A terceira e última, porém não menos importante, foi a Escola Estadual Anísio Teixeira, referência na cidade de Natal para alunos do Ensino Médio. Não poderíamos deixar de relatar aqui o apoio e a colaboração de todos os gestores, professores e alunos das escolas destacadas. Sem eles esse projeto nada seria.

A maioria dos alunos é procedente de comunidades carentes da cidade. Defrontam-se constantemente com diversos problemas sociais como a violência, a exclusão e o desemprego, apenas para citar alguns. Portanto, o foco principal do nosso trabalho são instituições de ensino público da cidade de Natal, devido à carência do assunto nas escolas, tendo em vista que a temática é muito pouco trabalhada em sala de aula. Esse fato, porém, é uma grande contradição, já que a disciplina “Cultura do RN” tornou-se obrigatória nas escolas do nosso Estado. Ou seja, deveria haver um entusiasmo excessivo sobre o assunto.

A maioria, portanto, não tinha acesso aos bens patrimoniais por questões sociais e econômicas. O patrimônio estava tão perto e, paradoxalmente tão longe deles. Nesse sentido, o projeto conseguiu possibilitar o conhecimento, o acesso à informação e bens, o usufruto dos bens culturais, pelos alunos de realidades sociais penosas.

Novas técnicas foram aceitas com o intuito de resolver os problemas pedagógicos e os novos desafios com que se defrontam as escolas neste século conturbado por transformações. Mas mudar comportamentos nas escolas não é algo fácil, uma vez que estão arraigadas no hábito escolar cotidiano. Na verdade, as mudanças na História são processos lentos.

Percebe-se que ainda há em nossas escolas pensamentos dualísticos. Muitos professores, por exemplo, defendem que o aluno só aprende se estiver numa sala de aula escrevendo e ouvindo o professor explicar o conteúdo. Outros, com um pensamento mais avançado, reconhecem que a educação e o ensino são processos dinâmicos e que necessitam, portanto, de constante atualização. São professores não se aprazem com a atual realidade de nossas escolas, que querem saber sempre mais e não se contentam com a rotina escolar, por isso mesmo, são desejosos de transformações.

Nesse sentido, nossa metodologia foi baseada em palestras interativas na qual os participantes do projeto foram nas escolas, onde os conteúdos necessários foram transmitidos. Tal procedimento era necessário, uma vez que os alunos deveriam formar no mínimo, o conceito de patrimônio e cultura. Além disso, cabe destacar também a exibição de filmes que tratavam à questão do Patrimônio Histórico além de debates. Mas o momento mais esperado pelos alunos e até pelos professores envolvidos eram as visitas técnicas. Sabe-se que as mudanças são necessárias e o projeto quebrou com uma linha arcaica de se ensinar História. Essa metodologia ajudou os discentes a terem um contato mais pessoal com a equipe de trabalho, fortalecendo um vínculo pessoal e coletivo.

Com isso, o projeto tem consideração pela opinião de autores que estudam e publicam artigos sobre o ensino de História em sala de aula, podendo ser destacado aqui, por exemplo, o trabalho da Professora Circe Bittencourt defensora de que tudo deve ser feito para alcançar os objetivos iniciais aos qual o educador se propôs. Para que a educação escolar seja um instrumento de transformação social, não se deve perder de vista o objetivo último da ação educativa, que é preparar o jovem para a vida plena da cidadania. Isso supõe formar um cidadão crítico, consciente e participativo, capaz de compreender a realidade em que vive. A construção da aprendizagem permeou todo o desenrolar desse projeto. Sem essa metodologia seria impossível se falar em mudança de pensamento.

### **3) A experiência**

Cabe agora destacar-mos nossa experiência com os alunos. Antes de tudo, é muito importante destacar que a Educação Patrimonial é um trabalho que deve ser realizado em

grupo. Por movimentar muitos discentes, é impossível uma única pessoa realizar esse ofício sozinho. Tudo funciona como uma verdadeira fábrica com muitos trabalhadores, mas que consegue realizar um formidável trabalho apenas em conjunto.

Natal, com seus mais de quatrocentos anos, é uma cidade rica de patrimônio material e imaterial. Evidentemente, como ocorre em todo o país, nossos prédios históricos e nossas manifestações culturais estão se perdendo ou se descaracterizando através dos tempos. Fazer o aluno ter um contato pessoal com o patrimônio local: Eis aí um de nossos propósitos. Para tanto, era necessário realizar aulas-passeio, para que os alunos pudessem ver de perto os bens históricos. Dentre os pontos visitados, destacam-se os seguintes:

- O Forte dos Reis Magos (tombado pelo patrimônio nacional em 1949);
- O Palácio Potengi (atual Pinacoteca do Estado);
- O Memorial Câmara Cascudo.

Apesar de sabermos da importância dos bens materiais, não se fez dela o destaque principal, tomando o cuidado de não copiar os métodos da História positivista, que destaca os grandes heróis e esquece das lutas e sujeitos sociais. Ao afirmarmos isso, queremos dizer que a maioria dos bens materiais reflete, muitas vezes, o poder das elites. Na verdade, os alunos têm muita dificuldade de compreender que os bens materiais fazem parte de sua História.

Para Circe Bittencourt:

Isso explica, em grande parte, as constantes depredações e violações ao patrimônio histórico por parte da própria população. Ela não se vê nos ícones, símbolos e monumentos que foram preservados por uma ação estatal, não se identifica com um passado remoto e com uma memória que não lhe diz respeito. Em outras palavras: ela não se sente co-responsável pela preservação de seus bens culturais, na medida em que ela mesma não foi consultada acerca do que deve ser preservado ou não. Atualmente se preserva um bem cultural não só pelo seu valor estético, arquitetônico ou histórico. Ele é preservado se tem significação para a comunidade em que está inserido e se essa preservação possibilita a melhoria da qualidade de vida de seus moradores e contribui para a construção de sua identidade cultural e o exercício da cidadania. (BITTENCOURT, 2005: 138)

#### **4) Resultados Parciais**

O processo educativo e a construção do conhecimento são processos interativos. Nessa interação entre alunos e os voluntários do projeto houve de tudo: de transmissão de conhecimentos à troca de idéias. Os mais felizes são os professores de História, que sempre destacam o valor de se estudar a História e a cultura local, sendo contra o modelo europocêntrico, que não valoriza nosso contexto dando pouca ou nenhuma importância à nossa História. Nesse sentido, o que aconteceu foi o oposto!

Não poderíamos deixar de relatar aqui também o desprezo pela nossa história. Na verdade, a falta de conservação de nossos monumentos históricos não é novidade no Brasil. Uma sensação de descaso paira no ar. Nossos alunos puderam ver pessoalmente o estado de conservação dos bens históricos. Nesse sentido, o projeto ganha uma nova dimensão, porque resgata a História Local, que está sendo relegada ao esquecimento. Talvez esse tenha sido o nosso melhor resultado até o presente momento: o projeto sendo usado como meio de alfabetização cultural!

Também, conseguiu-se zelar pela identidade coletiva e cultura local. Mas não se restringe apenas a isso. Os alunos conheceram in loco o patrimônio de sua cidade, coisa que muitos nunca tinham feito, ou por falta de tempo ou por condições econômico-sociais. Tudo isso, obviamente, oferecendo um estudo mais envolvente e interativo. Com isso, os alunos observavam-se como participantes da História, fazedores da sua própria cultura, capaz de adquirir capacidades intelectuais, como a análise do objeto estudado, organização e apreensão de seus próprios registros visuais e orais.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de historia: fundamentos e métodos. São Paulo? Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Serie ensino fundamental).

\_\_\_\_\_ O saber histórico na sala de aula. 10 Ed. São Paulo: Contexto, 2005. (Repensando o ensino).

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e pratica de ensino de historia: experiências e reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).

GIANSANTI, Roberto. A cidade e o urbano no mundo atual. São Paulo: Global: Ação educativa assessoria, pesquisa e informação, 2003. (Coleção viver e aprender).